

LUISA GEISLER

De espaços abandonados

ALFAGUARA



Copyright © 2018 by Luisa Geisler

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

<completar>

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Thaís Totino Richter

Luciane Helena Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Geisler, Luisa
De espaços abandonados / Luisa Geisler. – 1ª ed. – Rio
de Janeiro : Alfaguara, 2018.

ISBN: 978-85-5652-068-5

1. Ficção brasileira 1. Título.

18-14812

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Cibela Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

De espaços abandonados

PARTE I

Caio,

Segue tudo que encontrei. Este livro e os papéis estavam enfiados em um armário na parede, atrás de um balde, duas vassouras, uma pantalha quebrada, dois pacotes finos enviados da China para um nome em ideogramas, um pirex rachado e um ferro de passar. Havia dois pendrives: um estava corrompido, inclusive pedi para que alguém na empresa desse uma olhada. Mas parece corrompido mesmo, não abre e não formata. Até me lembrei de quando eu era pequeno e quis destruir um HD com ímãs de geladeira (e consegui). Só que isso hoje em dia é mito, não é? Uma pessoa de TI deveria saber, mas ora bolas. O outro pendrive: não quis mandar pelo correio porque não sei o quanto a alfândega iria tretar. Imprimi os documentos que achei e estão aqui, mas estou encaminhando outro envelope com os pendrives: o corrompido e o que imprimi. Também tenho os textos salvos no PC e acho que te mandei por e-mail, né? Não basta ser incompetente, ainda sou neurótico.

De resto, pela casa, não havia sinais de Maria Alice no quarto inteiro, ou na cozinha, na sala ou no banheiro. Como comentei na nossa ligação, não conheci nenhuma Maria Alice na Irlanda. Só tive o apartamento recomendado por uma conhecida em um grupo do Facebook de gaúchos em Dublin. Perguntei à minha conhecida e ela disse que, em geral, por ter só uma cama, o máximo de pessoas que morou aqui foi um casal. Não é muito barato a ponto de dividir fazer diferença. Ela também me confirmou que uma Bruna morou no apartamento no que ela disse ser 2015, mas por menos de um ano. Disse também que talvez essa Bruna tivesse morado em casal, mas talvez fosse só um namorado que passava muito tempo aqui. Já houve pessoas que moraram aqui com bichos de estimação: gatos, cachorros,

pássaros, peixe e cobra. Ela achou o nome “Taco Cat” engraçado e disse que talvez saiba de uma pessoa que tenha esse gato.

Sei que você não precisa da minha opinião, mas tenho a sensação de que havia mais coisa com isso, mais objetos, uns cadernos. Algumas das folhas parecem fazer parte de um mesmo caderno, sabe? Este livro, por estar em português e anotado, provavelmente não pôde ser vendido ou reutilizado. Roupas e sapatos poderiam ter sido vendidos ou doados, assim como livros em melhor estado. Tenho a sensação de que, se você procurar pelos outros apartamentos que mencionou, possa encontrar algo. Tentei passar por eles ou entrar, mas confesso que não estava muito disposto a criar uma situação por conta disso. Se não me engano, o edifício na Carey Lane vai ser demolido para a construção de um complexo maior.

Não li nada que estava aqui, exceto o que vi pelas impressões. Não entendi nada. Não achei que fosse da minha conta. E quis mandar para você o quanto antes. Talvez valha a pena você mesmo vir aqui e falar com a Garda, ou ao menos ligar para eles. Você tentou envolver a embaixada nisso? Eles com certeza ajudariam. É difícil traçar essas coisas.

De qualquer forma, desejo a você uma boa jornada e boas entrevistas (se conseguir todas as que queria). Como acabei na Irlanda em um contexto mais particular do que você me mencionou (morando com um visto tranquilo, emprego na Apple e agora uma noiva), talvez eu não seja o melhor consultor para dúvidas sobre imigrantes. Se tiver algo que eu possa fazer daqui (que não seja incrivelmente absurdo ou caro), é só dar um grito.

Boa sorte,
José Luís

Folha de papel de um organizador semanal

FRENTE:

$$9 + 15 = 24$$

$$17 + 7 = 24$$

VERSO:

Imagine um grupo de ratos entrelaçados pelas próprias caudas. Sujeira, sangue, pelos de outros animais e merda fizeram com que as caudas se enodassem cada vez mais. O número de ratos unidos varia, mas eles crescem junto com as caudas acumulando cada vez mais detrito, que os gruda cada vez mais. Os relatos e folclores do Rato rei — rat king, Rattenkönig, roi des rats — se associam à Idade Média, e espécimes mumificados ou preservados em álcool são encontrados em museus ao redor do mundo. Na Irlanda, ainda se encontram alguns nos pântanos desgraçados. Tudo se encontra nesses pântanos desgraçados.

Essa é a minha história; minha, do Matildo, da Bunny, do Caetano, da Lídia, do meu irmão, da dear old Dublin.

E este é o meu livro.

Uso a desculpa dos cadernos em branco serem um santuário para o infinito de possibilidade de ideias que ainda posso ter. Qualquer ideia tosca pode funcionar se tiver um suposto simbolismo por trás. Uma tatuagem de florzinha é só uma tatuagem de florzinha. Mas você levanta a manga, sorri e diz:

— O nome da minha mãe é Rosa.

A tatuagem automaticamente vira uma obra-prima do significado. Uma homenagem, um diálogo.

Branco no azul no azul no branco com azul sob o azul.

Mas são só cadernos em branco. Sempre é só papel.



Se você tem menos de trinta anos e está num relacionamento e não está apaixonado até o último fio de cabelo, você tem que sair. Você é jovem demais pra perder tempo com alguém que não te deixa mais feliz. Não tem nada mais triste do que crianças de vinte e três anos que se acomodaram.

E antes de você notar, vão ser duas e meia da manhã, você vai ter oitenta anos e não vai se lembrar de como era pensar aos vinte ou se sentir aos dez.

Verso de folheto do estúdio Dublin Ink Tattoo

Olhar o relógio e putamerdatenhoqueestarnumlugardaquiaseishoras
e já tenho que meprepararmentalmente.

Verso do rótulo em papelão de um pote de instant porridge oats

Desaparecer.

Impresso em preto e branco em folha A4 branca



“Imigrantes. Todos nós o somos, hoje. Quando a viagem não nos move, é o entorno que nos foge, o que dá no mesmo. Ficamos então parados, com tudo o mais indo, imigrantes a tentar entrar, todos os dias, em nós mesmos.”

Elvira Vigna, *O que deu para fazer em matéria de história de amor.*

“A boa diferença, ou diferença real, é entre o que pensa (ou faz) o nativo e o que o antropólogo pensa que (e faz com o que) o nativo pensa, e são esses dois pensamentos (ou fazeres) que se confrontam. Tal confronto não precisa se resumir a uma mesma equivocidade de parte a parte — o equívoco nunca é o mesmo, as partes não o sendo; e de resto, quem definiria a adequada univocidade? —, mas tampouco precisa se contentar em ser um diálogo edificante. O confronto deve poder produzir a mútua implicação, a comum alteração dos discursos em jogo, pois não se trata de chegar ao consenso, mas ao conceito.

“Evoquei a distinção criticista entre o *quid facti* e o *quid juris*. Ela me pareceu útil porque o primeiro problema a resolver consiste nessa avaliação da pretensão ao conhecimento implícita no discurso do antropólogo. Tal problema não é cognitivo, ou seja, psicológico; não concerne à possibilidade empírica do conhecimento de uma outra cultura. Ele é epistemológico, isto é, político. Ele diz respeito à questão propriamente transcendental da legitimidade atribuída aos discursos que entram em relação de conhecimento, e, em particular, às relações de ordem que se decide estatuir entre esses discursos, que certamente não são inatas, como tampouco o são seus polos de enunciação. Ninguém nasce antropólogo, e menos ainda, por curioso que pareça, nativo.”

Eduardo Viveiros de Castro, *O nativo relativo*.

O blog se chama Haikyo e o post favorito de Maria Alice é sobre o parque japonês *Nara Dreamland*. Nos sites de exploração urbana (ou qualquer outro eufemismo para fuçar abandono), Nara Dreamland se tornou pré-requisito. Criado em 1961 e fechado em 2006, a fama se baseia em seu tamanho, bom estado e fácil acesso.

Para Maria Alice, tudo se explica apenas com a imagem de uma montanha-russa de madeira apodrecendo com, mais e mais, verde a consumindo pelas laterais. Cada vez que encarava cada uma das fotos, de trilhos e de engrenagens, eles escureciam mais, enquanto mais mato e mais musgo e mais árvores-que-não-são-exatamente-árvores-mas-que-parecem-acho-que-talvez-arbustos dominavam a imagem.

Outro aspecto importante do Haikyo é o fato de descrever as fotos. É um blog que se importa com os que têm condições chatas-de-explicar-e-que-ninguém-entenderia-de-qualquer-forma. A autora tem esse cuidado em descrever o que está nas imagens, pôr legendas, indicar mudanças de iluminação e detalhar sombras.

A base aérea e vila militar Flughafen Frankfurt-Hahn é hoje um aeroporto civil parcialmente abandonado. Costumava servir de aeroporto e residência para mais de dez mil pessoas, mas hoje é um corpo em decomposição, mais morto que vivo. Uma vila militar, acho que assim que se fala em português, não é? Eu deveria saber dessas coisas...

Nesta foto, o aeroporto está rodeado pela área residencial de edifícios e pelos quartéis abandonados. O aeroporto começou a perder valor após o final da Segunda Guerra, por motivos óbvios. A maioria dos edifícios foi alugada a empresas privadas, mas muitas delas com pouco ou nenhum valor comercial. Pesa ainda mais o fato de que a localização do aeroporto foi escolhida de propósito em uma área com poucos habitantes. Conveniente para estratégia, pouco conveniente para morar. Alguns desses edifícios, em destaque o do fundo esquerdo, começaram a ser demolidos, mas a venda do terreno não cobre o custo da demolição. As cercas próximas às casas despençam e há placas de “propriedade privada” já enferrujadas.

Na imagem dessa parede, algumas pichações que não sei se não entendi pela letra ou pelo alemão cheio de gírias. O dano consequente de mofo, grafite corroendo a tinta, prateleiras e janelas quebradas, isso tudo dificulta o entendimento. Fica claro que qualquer pessoa que seja responsável pelo lugar desistiu. A maior parte parece mais fácil de arrumar demolindo e reconstruindo do que reformando.

Esta outra foto não é minha e sim do blog parceiro “Os urbanos explorados”, mas já mostra uma diferença entre o aeroporto que vi e o que ele fotografou. A abrangência do abandono aumentou muito. Infelizmente, já não consegui achar três dos edifícios que ele fotografou. Ele mencionou que viu carros no estacionamento, e eu tinha me preparado para me esconder deles, caso fossem da polícia. Vi zero. Acho que esses serão, se não os últimos, um dos últimos registros dessa vila militar.

O blog Haikyo traz um post novo sobre normas de segurança para lugares subterrâneos. Posta fotos de um shopping abandonado na Europa. Explica que, após insucessos financeiros, os investidores o fecharam e declararam falência. Anos depois, uma das paredes quebrou, e a água da chuva e de um lago próximo chegou ao andar subterrâneo do estacionamento, que se encheu de peixes entre as quinas. Os peixes são de diversas cores e espécies, como uma aquarela esquizofrênica, e se misturam a algumas carpas que viviam em um laguinho no shopping. A autora se desculpa pela demora e explica que as fotos são de alguns meses atrás. Pede desculpas porque está se mudando para Dublin. O post é antigo.

Lídia postou no blog que usa para se comunicar comigo: uma foto de uma piscina popular que agora está vazia e abandonada. Entendi o que ela quis dizer. Pediu para me ver numa fábrica de açúcar abandonada.

Maria Alice decidiu que iria para Dublin. Iria encontrar Lúdia, que, Maria Alice sabia, era a autora e fotógrafa do blog. Claramente era.